

Ferreira, A. A. L.; Pereira, C. S.; Hautequest, F.; Gomes, G. A.; Brandão, J. T.; Pereira, N. B. & Madeira, R. J. P. A Psicologia como um Dispositivo de Produção de Subjetividades: Um Percorso pelos Métodos Quantitativos

A Psicologia como um Dispositivo de Produção de Subjetividades: Um Percorso pelos Métodos Quantitativos

Psychology as a Production of Subjectivity Device: A Route through the Quantitative Methods

Arthur Arruda Leal Ferreira¹
Camilla Stembrock Pereira²
Felipe Hautequest³
Geovana de Azevedo Gomes⁴
Julia Torres Brandão⁵
Natalia Barbosa Pereira⁶
Rodrigo José Pires Madeira⁷

Resumo

O objetivo geral deste artigo é tentar produzir uma compreensão sobre a multiplicidade radical presente na psicologia enquanto uma rede de saberes e práticas bastante diversos e, por vezes mesmo, contraditórios entre si. Para abordar esta multiplicidade radical será posto em cena um modo totalmente distinto da epistemologia tradicional, considerando a Teoria Ator-Rede de Bruno Latour, Annemarie Mol e John Law, e a Epistemologia Política de Isabelle Stengers e Vinciane Despret. Partindo da consideração das diversas psicologias como dispositivos de produção ontológica de subjetividades, será proposto um conjunto de trabalhos de investigação para se avaliar entre estudantes do segundo grau na cidade do Rio de Janeiro a presença e as formas dos modos de subjetivação psicologizados. À guisa de conclusão os resultados desta pesquisa serão discutidos tendo em vista as próprias políticas ontológicas envolvidas na escolha dos métodos empregados.

Palavras-chave: Estudos sociais da ciência; epistemologia da psicologia; produção de subjetividade.

Abstract

The aim of this paper is to attempt to present a comprehension of the radical multiplicity of psychology, considered as a net of different (and even contradictory) theories and practices. To understand this multiplicity two no-epistemological models will be used: the Actor Network Theory from Bruno Latour, Annemarie Mol and John Law, and the Political Epistemology from Isabelle Stengers and Vinciane Despret. Considering the different psychologies as ontological devices for subjectivity production, an empirical research will be presented trying to analyze the presence of psychologized subjectivities between high school students in Rio de Janeiro (Brazil). Concluding, the results of this research will be discussed, considering the ontological politics in relation to methodological choices.

Keywords: Social Studies of science; epistemology of psychology; subjectivity production

¹ Professor Adjunto do Instituto de Psicologia da UFRJ e do Programa de pós-graduação em Saúde Coletiva (IESC) e Psicologia. Pesquisador financiado pelo CNPq (bolsista de produtividade). Endereço para correspondência: Rua do Riachuelo, 169/405, Centro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, CEP 20.230-000. Endereço eletrônico: arleal@superig.com.br

² Estudante do curso de psicologia do IP/UFRJ. Bolsista de iniciação científica (CNPq) em 2010.

³ Estudante do curso de psicologia do IP/UFRJ.

⁴ Bacharel em Psicologia pelo IP/UFRJ. Estagiária da pesquisa no período de sua execução.

⁵ Estudante do curso de psicologia do IP/UFRJ. Bolsista de iniciação científica (PIBIC/UFRJ) em 2010.

⁶ Estudante do curso de psicologia do IP/UFRJ. Bolsista de iniciação científica (CNPQ) em 2011.

⁷ Bacharel em Psicologia pelo IP/UFRJ Bolsista de iniciação científica (FAPERJ) em 2008 e 2009.

Ferreira, A. A. L.; Pereira, C. S.; Hautequest, F.; Gomes, G. A.; Brandão, J. T.; Pereira, N. B. & Madeira, R. J. P. A Psicologia como um Dispositivo de Produção de Subjetividades: Um Percuro pelos Métodos Quantitativos

Introdução

Esta pesquisa partilha uma aposta com a Teoria Ator-Rede de Bruno Latour, Annemarie Mol e John Law, e a Epistemologia Política de Isabelle Stengers e Vinciane Despret. Ao contrário das teses epistemológicas clássicas, o conhecimento científico é aqui concebido na articulação e co-afetação entre entidades, na produção inesperada de efeitos, e não no salto representacional dado na identidade entre uma sentença ou hipótese prévia e um estado de coisas a ser progressivamente desvelado. Tomado como articulação, o conhecimento científico não se distinguiria mais entre boa e má representação, mas boas e más articulações. No primeiro caso, há uma situação em que a articulação é extorquida ou condicionada a uma resposta pontual, conduzindo os seres pesquisados a um lugar de “docilidade”. No segundo, há uma articulação na qual o testemunho iria além da mera resposta, abrindo-se ao risco de invalidação das questões e proposições do pesquisador e à colocação de novas questões pelos entes pesquisados. Esta seria uma relação de recalitrância.

Nesta perspectiva sobre o conhecimento científico, a multiplicidade é tomada num sentido positivo. Nas palavras de Despret (1999), por exemplo, a psicologia é composta de versões que se tornam mais fecundas na medida em que guardam referência às demais como modos de articulação. O problema ocorreria quando estas versões buscam operar de modo totalizante, gerando visões, que excluem as demais. Este raciocínio não seria exclusivo para a psicologia; valeria para as demais ciências e refletiria o sentido específico que a epistemologia política de Stengers e Despret confere ao termo generalização. Latour (2004, p. 220) destaca o seu sentido específico: “a generalização deve ser o veículo para se viajar através do maior número de diferenças possíveis – então maximizando as articulações – e não uma forma de diminuir o número de versões alternativas do mesmo fenômeno”.

Considerando então que as diversas formas de produção de psicologia são passíveis de serem tomadas por seus modos de articulação, podemos dizer que as diversas psicologias se marcam por distintas modalidades de produção de subjetividades (e de mundos). Contudo, como estudar tais processos de articulação produtores de subjetividades e mundos por parte das psicologias?

Recorrendo aos Métodos Canônicos

Como aponta Law (2004, p. 10), os métodos não são simples dispositivos seguros de representação de uma realidade dada, mas englobam modos políticos de produção de realidades. Neste caso, torna-se importante uma série de escolhas em termos de estratégias de investigação. Em primeiro lugar, urge pôr em questão o alcance deste estudo. Ele poderia envolver a análise de um conjunto específico de dispositivos ou técnicas psi (testes, escalas de atitude, pesquisas de opinião, correntes terapêuticas ou de aconselhamento, etc), métodos de pesquisa (hermenêuticos, experimentais, de campo, etc.) e trabalhos de difusão. Contudo, neste trabalho, a opção será por rastrear tais efeitos de subjetivação psicologizada numa escala mais ampla, sem atentar para os dispositivos específicos que levaram à sua produção. Neste aspecto, o que se deseja é não apenas rastrear a sua força, mas compará-la com a de outros mecanismos de subjetivação.

Tomando em consideração este alcance mais amplo, coloca-se em seguida a questão de qual população poderia ser mais interessante para este estudo. A escolha foi por uma investigação junto a estudantes do segundo grau, assim considerados na medida em que portam, como grupo, uma alta heterogeneidade em termos de bairros de origem, nível de renda, e dispositivos culturais. Mesmo com todo o esforço de homogeneização em termos de conteúdos pedagógicos, não há ainda, junto a tais estudantes, qualquer especialização profissional, e no caso da psicologia, nenhum dispositivo específico, como uma disciplina de estudo. Visando a sustentar tal diversidade, foram escolhidos para participar desta pesquisa cerca de 300 alunos oriundos de quatro escolas públicas e privadas da cidade do Rio de Janeiro. Escolas que possuíam uma clientela de distintas regiões com distinto poder aquisitivo (algo que no Brasil ainda aponta para enormes contrastes).

Contudo, a escolha mais delicada a ser feita dizia respeito ao próprio *design* da pesquisa. E aqui se buscou a opção mais delicada desta investigação. A pista básica foi sugerida por Gergen (1976) que afirma que mesmo as técnicas mais tradicionais de pesquisa psicológica como escalas de atitude, questionários e pesquisas experimentais, oferecem testemunhos históricos de uma época e jamais uma radiografia última da natureza humana. Porém, como tais dispositivos de pesquisa *supostamente* marcados pela busca de rigor e neutralidade poderiam trazer à cena algo sobre os processos de subjetivação psicologizada? Não se estaria compondo tais métodos com uma ontologia e uma

Ferreira, A. A. L.; Pereira, C. S.; Hautequest, F.; Gomes, G. A.; Brandão, J. T.; Pereira, N. B. & Madeira, R. J. P. A Psicologia como um Dispositivo de Produção de Subjetividades: Um Percurso pelos Métodos Quantitativos

concepção de conhecimento distintas das que norteariam a sua fabricação?

Tais métodos mais canônicos (especialmente os experimentais) trazem junto a si toda uma concepção representacional do conhecimento na qual a realidade configura-se como externa, independente, dada, definida e singular (o que seria próprio da metafísica euro-americana segundo Law, 2004). Neste caso, os métodos são postulados, visando a controlar qualquer forma de influência ou contaminação na relação entre pesquisadores e pesquisados. Portanto, como conjugar tais métodos com uma investigação que supõe o conhecimento como articulação, vinculação ou produção? Como Law (2004, p. 7) destaca, tais abordagens mais canônicas não seriam inválidas; elas apenas não servem para trazer à cena aspectos mais fluidos da realidade, dando conta apenas de seus aspectos mais estabilizados.

Contudo, recorrer a tais métodos apresentava um outro sentido, além do trabalho com realidades mais massivas (uma população de estudantes do segundo grau) e o deslocamento da sua ontologia e gnosiologia. Tratava-se do desafio a sua própria pretensão de pureza e, em um aspecto bem específico, da busca de um testemunho neutro e sem influência dos dispositivos da pesquisa, o que na história dos métodos psicológicos cunhou-se como a constituição do “sujeito ingênuo”. Contudo, a proposta deste desafio será feita de modo polido: pelos próprios instrumentos que, em geral, fazem calar outros modos de testemunho.

De modo mais específico, Despret (2004) destaca que muito da história dos métodos psicológicos pode ser contada como a passagem de um modelo em que os pesquisados deveriam ser *experts* treinados (como ocorre nos primeiros laboratórios psicológicos no final do século XIX - início do século XX) para outro em que os participantes deveriam ser privados de qualquer informação sobre as metas, questões, recursos e hipóteses da pesquisa, a fim de não influenciá-los. Despret (2002, pp. 95-102) aponta que, neste aspecto, os investigados passam de *experts*, com uma importância por vezes maior que a dos experimentadores, para um espaço de desconhecimento e ingenuidade, em que eles podem ser “qualquer um”.

Na discussão dos resultados, as problematizações de Despret sobre o “sujeito ingênuo” serão retomadas. Por enquanto basta dizer que o uso destes métodos na pesquisa sobre produção de subjetividade possui três sentidos: 1) o trabalho com grandes grupos (como permitem os métodos quantitativos); 2) a performance de

aspectos estabilizados de nossa subjetividade; 3) o desafio homeopático - *similia similibus curantur* - ao pressuposto de não influência contida nestes métodos. No caso desta investigação, a utilização destas estratégias de pesquisa consideradas como mais rigorosas tem como finalidade paradoxal pôr em questão a sua pureza, pô-la em risco. E como isto poderia ser posto em questão? Por meio do registro de uma subjetividade psicologizada, pois esta conduziria a um duplo problema: a) Ou o método representa bem a realidade, mas esta seria a da inexistência do sujeito ingênuo e indiferente à psicologia; b) Ou o método falha, mesmo tentando preservar a ingenuidade dos pesquisados, influenciando-os, extorquindo a sua verdade de modo docilizante. Vejamos como isto pôde ser posto em questão por tais métodos.

Instrumentos e Resultados

De modo mais específico, os instrumentos desta pesquisa foram elaborados por uma equipe que incluía estudantes de segundo grau, estagiários de psicologia e bolsistas de pesquisa, sob a supervisão de psicólogos de diversas tendências e profissionais de diferentes áreas (quando havia enunciados de suas áreas comparados aos da psicologia). A pesquisa que será agora apresentada representa a quarta aplicação produzida a partir de uma série que se inicia em 2003 (Ferreira *et al.*, 2004, 2005 e no prelo).

Para problematização da figura do sujeito ingênuo, os instrumentos foram apresentados aos alunos nos diversos colégios de dois modos, constituindo dois grupos distintos:

1) como uma pesquisa sobre os efeitos de produção de subjetividade psicologizados, conduzida por psicólogos e estudantes de psicologia (Grupo Expert);

2) como uma pesquisa de opinião sobre temas gerais, produzida por pesquisadores e estudantes de diversos cursos da UFRJ - mas não de psicologia, ocultando-se também os objetivos da pesquisa. Este apenas era revelado ao final da pesquisa, por ocasião de uma entrevista sobre a sua realização (Grupo Ingênuo).

De modo geral, esta pesquisa sobre produção de subjetividades envolveu a realização de quatro sondagens. Para facilitar a compreensão, cada uma delas foi apresentada junto com os resultados obtidos.

Sondagem 1: Um instantâneo dos psicólogos

Ferreira, A. A. L.; Pereira, C. S.; Hautequest, F.; Gomes, G. A.; Brandão, J. T.; Pereira, N. B. & Madeira, R. J. P. A Psicologia como um Dispositivo de Produção de Subjetividades: Um Percurso pelos Métodos Quantitativos

O objetivo desta primeira sondagem foi investigar se há um quadro do psicólogo previamente estabelecido por parte dos estudantes pesquisados e, em caso positivo, detectar que possível imagem seria esta. É importante ressaltar que, apesar de ter sido solicitado aos estudantes que avaliassem também atributos de outros profissionais, a saber, advogados, engenheiros e médicos, o principal interesse dizia respeito aos psicólogos. Mais especificamente, pediu-se aos participantes que escolhessem cinco características referentes a estes profissionais a partir de uma lista de vinte atributos. Concomitantemente, os participantes deveriam numerar de um a cinco a ordem de preferência de suas escolhas. Esta lista de vinte atributos foi proveniente de uma primeira aplicação em que os entrevistados escolhiam, escreviam livremente os atributos, sendo posteriormente destacados os mais frequentes. E a lista final assim ficou:

Amigo, Atencioso, Calculista, Calmo, Competente, Convincente, Corajoso, Criativo, Cuidadoso, Dinâmico, Detalhista, Estudioso, Excêntrico, Honesto, Inteligente, Manipulador, Observador, Obstinado, Prestativo e Talentoso.

Nesta sondagem, desde a segunda aplicação, houve dois subtipos básicos de apresentação: a forma A, onde é apresentada a lista apenas com os atributos a serem correlacionados a cada uma das quatro profissões, e quatro outras formas em que a lista anterior era relacionada a fotografia de um suposto profissional: forma B (psicólogo), forma C (médico), forma D (advogado) e forma E (engenheiro). A colocação da foto visava avaliar se a escolha das características do modelo exibido poderia ser influenciada pela profissão atribuída a ela. No mais recente modelo, a divisão foi feita somente entre a forma A (sem foto) e B (com três fotos para Psicólogos, Médicos e Advogados).

Resultados

Na atual aplicação, foram analisados 161 questionários: 82 na forma A, sem foto, e 79 na forma B, com foto. Foi feita, ainda, a subdivisão desse total de questionários de forma que fossem aplicados em dois grupos diferentes: 81 foram aplicados em participantes do Grupo Ingênuo e 80 em participantes do Grupo Expert.

Para avaliação dos resultados, foi feito um gráfico cartesiano com dois eixos (gráfico 1 e 2): o eixo com o número de citações e o eixo de *scores*, onde as características mais citadas apareceriam numa posição de destaque em relação às demais.

Em nossa mais recente aplicação, tanto para participantes do Grupo Ingênuo como para os do Grupo Expert, tanto no formato A como no B, as características mais citadas para o psicólogo foram amigo, observador, atencioso e calmo.

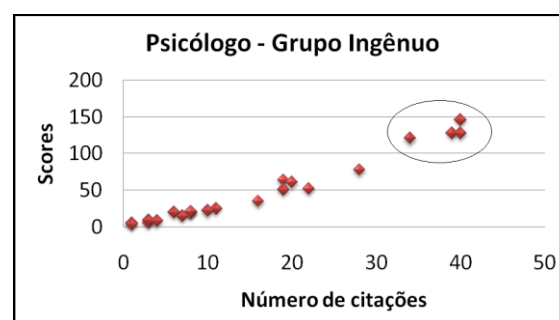
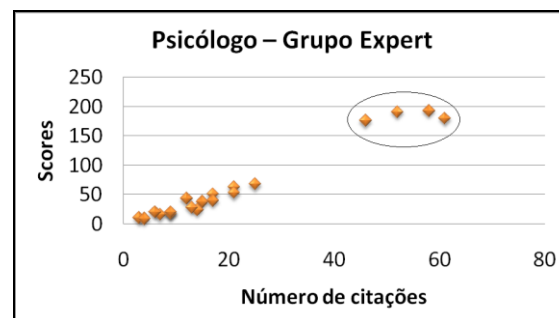


Gráfico 1 e 2. Coordenadas das características mais relevantes para o psicólogo, dos grupos Expert e Ingênuo.

O predomínio das mesmas quatro características se mantém presente desde a primeira aplicação (gráfico 3), o que pode nos levar a pensar que há uma imagem fortemente estabelecida do psicólogo dentre os estudantes de segundo grau (igualmente produzida no próprio momento da testagem).

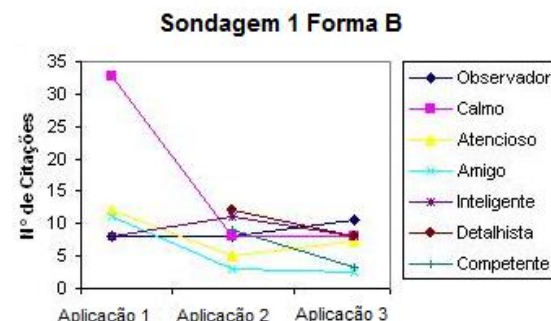


Gráfico 3. Comparação entre os resultados anteriores desta sondagem

Ferreira, A. A. L.; Pereira, C. S.; Hautequest, F.; Gomes, G. A.; Brandão, J. T.; Pereira, N. B. & Madeira, R. J. P. A Psicologia como um Dispositivo de Produção de Subjetividades: Um Percurso pelos Métodos Quantitativos

E o que o conjunto destas características implica? Pois a presença do psicólogo enquanto um observador sereno, receptivo e afetuoso, de um certo modo empodera-o como o mais apto a um certo tipo de acolhimento e condução da conduta dos demais.

Sondagem 2: O poder da palavra do psicólogo

Com esta segunda sondagem, pretendeu-se avaliar a concordância dos participantes com certos enunciados, em função da posição do enunciador. Para pôr isto em cena, foram apresentadas três frases sobre a violência de natureza cognitiva, dinâmica e comportamental. Estas frases foram atribuídas a distintos enunciadores (psicólogo, líder religioso e político), variando num total de seis combinações. A expectativa era que a maioria das concordâncias deveria remeter ao psicólogo como proferidor, enquanto suposto detentor do capital da verdade “científica”.

As frases apresentadas foram formuladas a partir de alguns pré-testes que buscaram estabelecer um equilíbrio em suas escolhas:

- 1) A violência ocorre devido aos exemplos que uma pessoa aprende em seu convívio social.
- 2) A violência é produto das frustrações a que algumas pessoas ficam submetidas constantemente.
- 3) A violência ocorre por causa dos resultados recompensadores obtidos pelas pessoas que agem de forma violenta.

Os personagens fictícios aos quais foram atribuídas estas frases de forma combinatória entre seis possibilidades foram:

- 1) Marcos Alvin (psicólogo); 2) Benedito Alves (senador); 3) Paulo Guerra (líder espiritual).

Resultados

Nas três primeiras aplicações (2004, 2005 e 2006), seguindo a hipótese inicial, houve escolha majoritária por respostas vinculadas ao psicólogo como proferidor das frases. Em relação aos demais proferidores, houve apenas uma alteração de posição na aplicação de 2006, com a passagem ao segundo posto do Senador. Contudo, todas estas diferenças observadas não foram avaliadas como significativas quando usados testes estatísticos (qui-quadrado), o que conduziu à sugestão de reajustes no instrumento ou de uma amostra maior da população pesquisada.

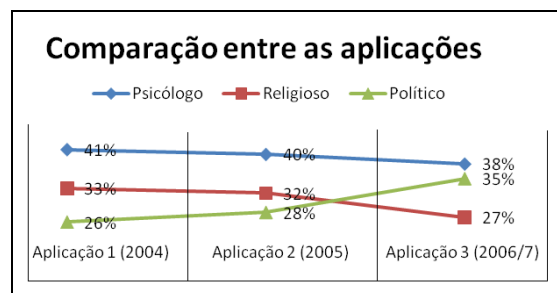


Gráfico 4. Sondagem 1 – Comparação entre as Aplicações

Na aplicação mais recente (2009), a amostra foi ampliada e, no caso, estabelecida a separação entre os grupos Ingênuo e Expert. Foram tabulados 147 questionários, dos quais 74 foram aplicados no Grupo Ingênuo e 73 aplicados no Grupo Expert. Contudo, houve pouca diferença entre os dois grupos, mantendo-se o psicólogo na ponta com índices próximos aos das aplicações anteriores e com uma sutil alteração no segundo posto, que foi atribuído ao líder espiritual pelo grupo expert e ao senador pelo grupo ingênuo.

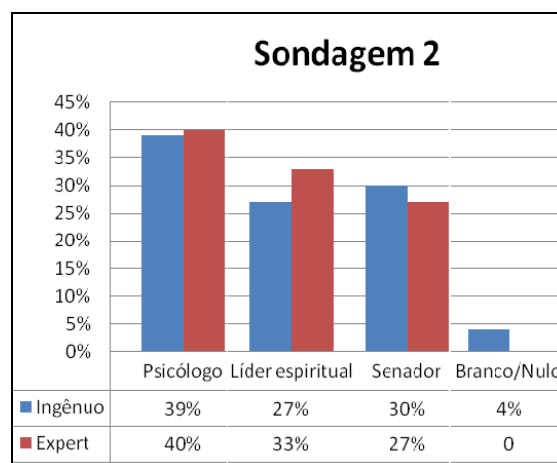


Gráfico 5. Comparações entre os grupos ingênuo e expert na aplicação atual

Como nas aplicações anteriores, a diferença sugerida em termos estatísticos não foi significativa. Mas dois aspectos são dignos de destaque: 1) a manutenção da preferência pelas sentenças proferidas por psicólogos em índices semelhantes aos anteriores mesmo com maior amostragem; 2) a não existência de diferenças relevantes quanto à posição do psicólogo nos dois grupos (Ingênuo e Expert), apontando talvez para a impossibilidade de uma posição de “ingenuidade” completa por parte dos pesquisados.

Ferreira, A. A. L.; Pereira, C. S.; Hautequest, F.; Gomes, G. A.; Brandão, J. T.; Pereira, N. B. & Madeira, R. J. P. A Psicologia como um Dispositivo de Produção de Subjetividades: Um Percurso pelos Métodos Quantitativos

Havia também, nesse instrumento, um espaço em branco para os pesquisados se posicionarem, justificando suas escolhas. Porém, em nenhum momento, questionaram ou afirmaram a autoridade dos autores da frase; todas as análises versaram sobre o conteúdo das frases. De forma bem direta, observou-se que a violência estava relacionada às questões econômicas, políticas e sociais (em 103 questionários). Aqui, os termos mais citados foram: “sociedade”, “estrutura social” e “falta de oportunidades”. Sendo assim, uma possível conclusão seria a de que não importou de fato, na justificativa, a autoridade do autor do discurso sobre a violência e sim que esta deveria ser analisada por uma ótica que apontava para aspectos coletivos (sócio-político-econômicos).

Sondagem 3: O poder dos enunciados psicológicos

Com a terceira sondagem, tentou-se detectar um contraste no acolhimento de enunciados de cunho psicológico, organicista e esotérico. Para evitar qualquer disparidade prévia, as questões foram previamente propostas por psicólogos, médicos e pessoas ligadas às práticas esotéricas. A partir deste quadro, foi relacionada uma gama das mais diversas questões que diziam respeito à causalidade, diagnóstico e forma de tratamento de 12 questões que eram, ora mais psicológicas (como depressão e ansiedade), ora mais orgânicas (como gastrite e hipertensão), ora mais esotéricas (como visões e transe). Esta sondagem foi apresentada com seis alternativas em cada questão, alternativas que variavam igualmente, duas a duas, entre o formato psicológico, organicista e esotérico.

Eis um exemplo de um tipo de questão e suas alternativas:

- A melhor explicação para a causa da depressão é:*
- a) a carência de substâncias químicas no sistema nervoso;
 - b) a influência de energias negativas;
 - c) a predisposição genética do indivíduo;
 - d) a ocorrência de problemas emocionais;
 - e) a presença de perturbações espirituais;
 - f) a existência de conflitos nos relacionamentos sociais;
 - g) Outra alternativa.

O formato desta sondagem igualmente variou ao longo das diversas aplicações, desde o molde das Escalas de Atitude, passando pelo modelo de escolhas exclusivas dentre as alternativas (forma A), pela pontuação das alternativas (forma B) e da

ordenação entre estas (forma C). Na testagem mais recente foram utilizados apenas os formatos A e B.

Resultados e discussão

Com relação a esta sondagem, foram tabulados 142 questionários, 73 no formato A (escolha exclusiva) e 69 no formato B (pontuação livre). No formato A, 37 participantes foram incluídos no grupo “Ingênuo” e 36 no grupo “Expert”. No formato B, 33 participantes foram incluídos no grupo submetido ao dispositivo “Ingênuo” e 36 no grupo submetido ao dispositivo “Expert”.

O que se pode observar de um modo mais amplo é o total predomínio nas escolhas e avaliações dos enunciados psicológicos.

Tabela 1: Resultados Formato A (Escolhas) Grupo Ingênuo

Enunciado	Escolhas Totais	Porcentagem
Psicológico	163	49,70%
Organicista	82	25,00%
Esotérico	68	20,73%
Outros	15	04,57%
Total	328	100,00%

Tabela 2: Resultados Formato A (Escolhas) Grupo Expert

Enunciado	Escolhas Totais	Porcentagem
Psicológico	153	48,27%
Organicista	75	23,66%
Esotérico	65	20,50%
Outros	24	07,57%
Total	317	100,00%

Os resultados do formato A grupos Expert e Ingênuo, excluída a opção Outros, foram tão semelhantes que não houve diferença estatística. Abaixo, temos o gráfico com o total incluindo os grupos Ingênuo e Expert do formato A, excluída a opção Outros.

Tabela 3: Resultados Gerais Formato A (Escolhas)

Enunciado	Escolhas Totais	Porcentagem
Psicológico	316	49,00%
Organicista	157	24,35%
Esotérico	133	21,65%
Outros	39	06,00%
Total	645	100,00%

Ferreira, A. A. L.; Pereira, C. S.; Hautequest, F.; Gomes, G.A.; Brandão, J. T.; Pereira, N. B. & Madeira, R. J. P. A Psicologia como um Dispositivo de Produção de Subjetividades: Um Percurso pelos Métodos Quantitativos

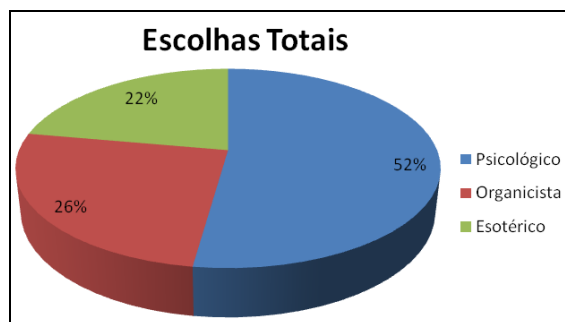


Gráfico 6. Resultados Gerais Modelo A (Escolhas) sem outros

Passemos agora aos resultados do Modelo B, com avaliações em termos de notas.

Tabela 4: Resultados Modelo B (Notas) Grupo Ingênuo

Enunciado	Pontos Totais
Psicológico	1878
Organicista	1382
Esotérico	1327
Total	4587

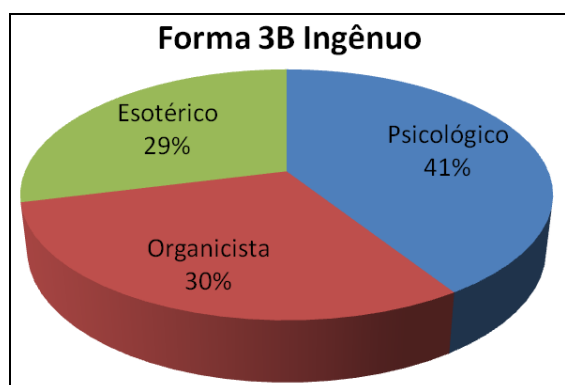


Gráfico 7. Resultados Modelo B (Notas) Grupo Ingênuo

Tabela 5: Resultados Modelo B (Notas) Grupo Expert

Enunciado	Pontos Totais
Psicológico	2013
Organicista	1219
Esotérico	1446
Total	4678

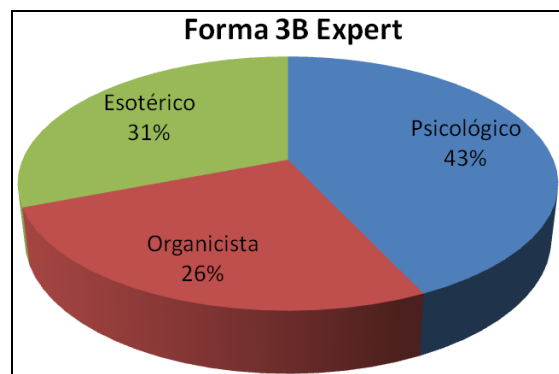


Gráfico 8. Resultados Modelo B (Notas) Grupo Expert

Tabela 6: Resultados Totais Modelo B (Notas)

Enunciado	Pontos Totais
Psicológico	3891
Organicista	2601
Esotérico	2773
Total	9265



Gráfico 9. Modelo B – Resultados Totais

Deve ser registrado que este predomínio dos enunciados psicológicos confirma uma tendência presente nas sondagens anteriores. A única exceção ocorreu na terceira aplicação, de 2006, na qual nos formatos B (notas) e C (ordenação) puderam prevalecer por pequena margem sobre os enunciados esotéricos. Esse resultado pode ter ocorrido pelo fato de o enunciado esotérico ter ficado, na maior parte das vezes, com pontuações (formato B) ou ordenações (formato C) médias, em oposição aos enunciados psicológicos e organicistas que oscilavam muito em suas pontuações e ordenações. De toda forma, este resultado mostra que, quando a escolha por alguns dos discursos pode ser feita de forma mais democrática (Modelos B e C), sem precisar fazer escolhas excludentes (A), a diferença de aderência entre os enunciados

Ferreira, A. A. L.; Pereira, C. S.; Hautequest, F.; Gomes, G. A.; Brandão, J. T.; Pereira, N. B. & Madeira, R. J. P. A Psicologia como um Dispositivo de Produção de Subjetividades: Um Percurso pelos Métodos Quantitativos

tende a ser menor. No entanto, na modalidade A, o predomínio foi sempre dos enunciados psicológicos, como pode ser visto no gráfico abaixo.

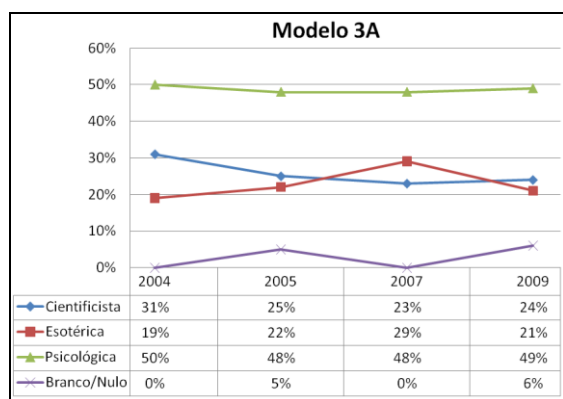


Gráfico 10. Balanço das Aplicações Anteriores – Formato A

Sondagem 4: O balanço entre as diversas psicologias

Com a quarta sondagem, apresentada nos mesmos moldes da anterior, buscou-se uma avaliação da força dos enunciados das principais orientações psicológicas (psicanálise, humanismo, behaviorismo e cognitivismo), a partir da consideração de certos problemas. Para isso, foram propostas 9 questões que diziam respeito à causalidade, diagnóstico e forma de tratamento, pedindo aos sujeitos que estipulassem o grau de concordância com as alternativas propostas dentro das orientações acima citadas. Do mesmo modo que na terceira sondagem, neste modo foram propostos três formatos: no primeiro era pedido que os participantes marcassem a melhor opção (forma A), no segundo o nível de concordância (forma B) e no terceiro, que ordenassem por ordem de preferência (forma C). Para validação do instrumento, foram consultados psicólogos pertencentes a cada uma das referidas tendências. Eis um exemplo dos tipos de sentenças:

A melhor forma de combater a anorexia nervosa (pavor de engordar) é:

- Modificando os pensamentos e opiniões da pessoa sobre a alimentação através de uma aproximação lenta e refletida.
- Buscando compreender os conflitos inconscientes ligados ao ato de se alimentar.
- Compreendendo a realização pessoal do indivíduo, pois esta pode estar em completa dependência da aprovação dos outros.

- Recompensando as formas de alimentação adequadas.

Resultados e discussão

Com relação à quarta sondagem, foram tabulados 145 questionários, 74 no formato A (escolha exclusiva) e 71 no formato B (pontuação livre). No formato A, 37 participantes foram incluídos no grupo submetido ao dispositivo “Ingênuo” e 37 no grupo submetido ao dispositivo “Expert”. No formato B, 34 participantes foram incluídos no grupo submetido ao dispositivo “Ingênuo” e 37 no grupo submetido ao dispositivo “Expert”.

Tabela 7: Resultados Formato 4A (Escolhas) Grupo Ingênuo

Enunciados	Escolhas
Cognitivistas	66
Psicanalíticos	68
Humanistas	52
Behavioristas	46
Outros	51
Total	283

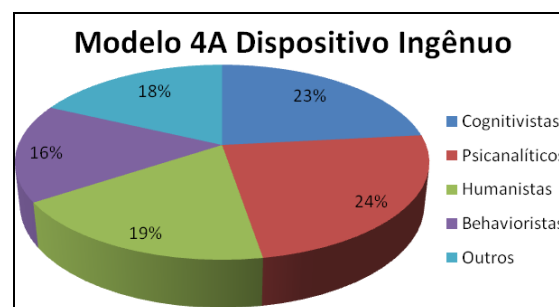


Gráfico 11. Resultados Formato 4A (Escolhas) Grupo Ingênuo

Tabela 8: Resultados Modelo 4A (Escolhas) Grupo Expert

Enunciados	Escolhas
Cognitivistas	76
Psicanalíticos	81
Humanistas	54
Behavioristas	56
Outros	44
Total	311

Ferreira, A. A. L.; Pereira, C. S.; Hautequest, F.; Gomes, G. A.; Brandão, J. T.; Pereira, N. B. & Madeira, R. J. P. A Psicologia como um Dispositivo de Produção de Subjetividades: Um Percurso pelos Métodos Quantitativos

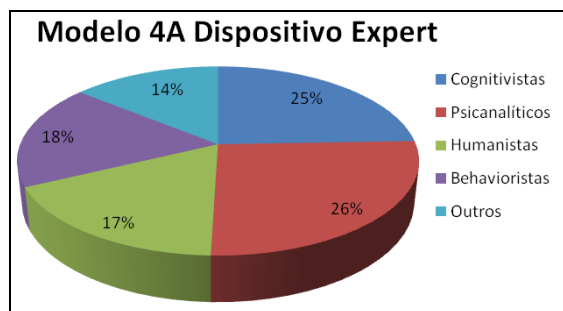


Gráfico 12. Resultados Formato 4A (Escolhas) Grupo Expert

Em linhas gerais, no modelo A existem poucas diferenças entre os grupos Expert e Ingênuo com o predomínio ligeiro das escolhas pelos enunciados psicanalíticos seguidos de perto pelos cognitivistas. A diferença ocorre com uma sutil ultrapassagem da escolha pelos enunciados behavioristas no grupo Expert. Vejamos como ficariam os resultados totais neste modelo.

Tabela 9: Resultados Totais Modelo 4A (Escolhas)

Enunciados	Escolhas
Cognitivistas	142
Psicanalíticos	149
Humanistas	106
Behavioristas	102
Outros	95
Total	594

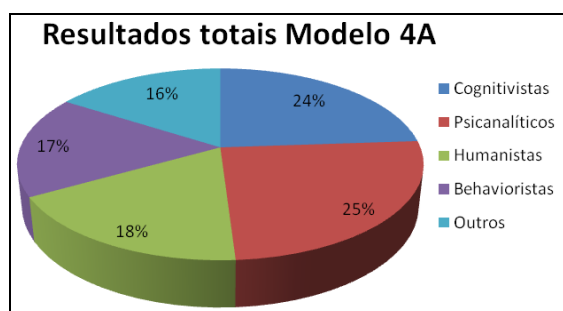


Gráfico 13. Resultados Totais Modelo 4A (Escolhas)

Passemos aos resultados do Modelo B, avaliando os dois grupos.

Tabela 10: Resultados Modelo B (Pontuação) Grupo Ingênuo

Enunciados	Pontos
Cognitivistas	1099
Psicanalíticos	1137
Humanistas	994
Behavioristas	955
Outros	257
Total	4442

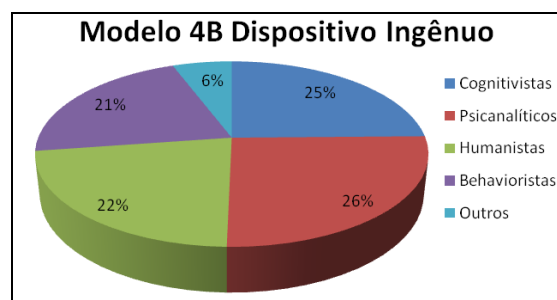


Gráfico 14. Resultados Modelo B (Pontuação) Grupo Ingênuo

Tabela 11: Resultados Modelo B (Pontuação) Grupo Expert

Enunciados	Pontos
Cognitivistas	1255
Psicanalíticos	1130
Humanistas	1127
Behavioristas	1017
Outros	135
Total	4664

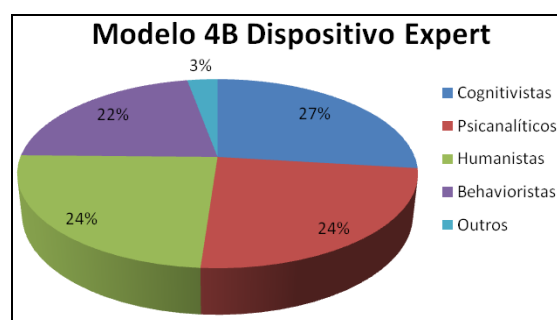


Gráfico 15. Resultados Modelo B (Pontuação) Grupo Expert

Os resultados, novamente apontam para poucos contrastes entre os dois grupos, destacando-se aqui a inversão da primeira posição com o predomínio das escolhas cognitivistas. Passemos aos resultados gerais do Modelo B.

Tabela 12: Resultados Totais Modelo B (Pontuação)

Ferreira, A. A. L.; Pereira, C. S.; Hautequest, F.; Gomes, G. A.; Brandão, J. T.; Pereira, N. B. & Madeira, R. J. P. A Psicologia como um Dispositivo de Produção de Subjetividades: Um Percuro pelos Métodos Quantitativos

Enunciados	Pontos
Cognitivistas	2354
Psicanalíticos	2267
Humanistas	2121
Behavioristas	1972
Outros	392
Total	9106

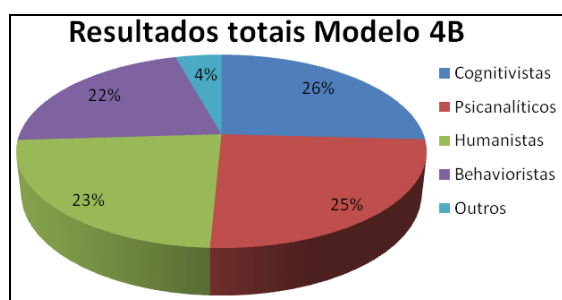


Gráfico 16. Resultados Totais Modelo B (Pontuação)

Uma importante constante nesta sondagem é a preferência pelos enunciados psicanalíticos e cognitivistas que estão, no geral, significativamente acima dos enunciados behavioristas e humanistas. Ambos disputam entre si a liderança ao longo dos anos e dos formatos (conforme tabela abaixo). Este resultado pode estar articulado com a chamada *guerra dos pys* entre essas duas correntes psicológicas (conferir Meyer, 2005), um recente movimento de disputa envolvendo questões de poder como a discussão sobre a cientificidade, o financiamento de pesquisas e da implementação de políticas públicas de saúde. Esse movimento acaba polarizando as discussões (o que pode ser uma explicação para a menor preferência por enunciados de outras linhas), e explica a oscilação entre a liderança do enunciado da psicanálise (predominante nas escolhas exclusivas) e do cognitivismo (predominante nas avaliações não-exclusivas).

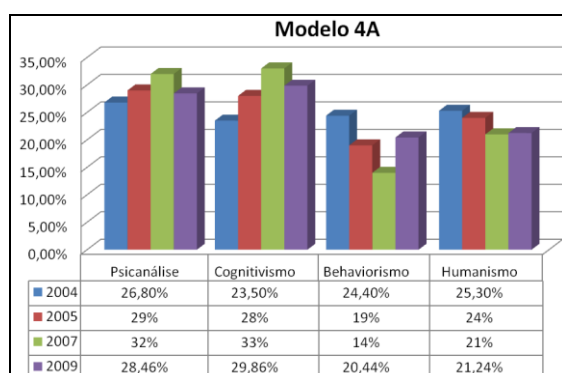


Gráfico 17. Balanço das Aplicações do Formato A

Conclusão

Os resultados desta aplicação demonstraram que os estudantes possuíam grande aderência ao discurso psicológico frente às questões postas de um modo tradicional de conduzir pesquisa: estes tendem a concordar com enunciados proferidos por psicólogos, em detrimento daqueles proferidos por políticos ou líderes religiosos e tem maior predileção por explicações psicológicas que esotéricas ou científicas. Poderíamos concluir de modo simplificado, dizendo que tais resultados apontam claramente para um alto grau de produção de subjetividade psicologizada entre alunos do segundo grau.

Mas isto seria concluir ao modo representacional, mesmo que este resultado venha a contradizer em termos de resultado toda a perspectiva de refletir a realidade dos pesquisados de uma forma purificada, sem qualquer influência ou modo de articulação. É preciso retomar a própria concepção de um conhecimento produzido enquanto uma articulação múltipla entre entidades, como faz a Epistemologia Política e a Teoria Ator-Rede. Sendo o conhecimento articulação e afetação, a influência não é vista como um problema, podendo gerar uma boa ou uma má articulação (docilidade ou recalcitrância).

Como estes modos de articulação se manifestam no modo de pesquisa realizado? Despret (2004) estabelece que a possibilidade da recalcitrância nos testemunhos psicológicos, bastante rara, se torna mais difícil ao lado dos dispositivos que trabalham com participantes colocados na posição “ingênua”. Aqui teríamos uma reversão com relação à maior parte dos manuais de história da psicologia: a passagem do sujeito treinado para o sujeito ingênuo não é apenas um passo adiante do conhecimento psicológico na direção da objetividade e do controle, mas um passo atrás na possibilidade de recalcitrância, engendrando articulações dóceis, assimétricas e limitadoras com relação aos seus testemunhos. Sujeitos sem a excelência da *expertise* não trazem risco de tomar posição nas investigações. (Despret, 2002, p. 97). É neste modo de articulação que se produzem muitas das pesquisas psicológicas, sem que se abram possibilidades de intercâmbio entre pesquisadores e pesquisados. (Despret, 2002, p. 100).

Contudo, estes dispositivos objetivantes não garantiriam uma posição de derradeira ingenuidade por parte dos testemunhos psicológicos. Para Despret, os participantes submetidos à posição de ingênuos seria uma posição ambivalente por parte

Ferreira, A. A. L.; Pereira, C. S.; Hautequest, F.; Gomes, G. A.; Brandão, J. T.; Pereira, N. B. & Madeira, R. J. P. A Psicologia como um Dispositivo de Produção de Subjetividades: Um Percurso pelos Métodos Quantitativos

destes, entre a confiança, dada no crédito aos cientistas, e a desconfiança de que algo se esconderia, como pôde ser observado a partir de entrevistas realizadas com participantes do clássico experimento de Stanley Milgram sobre obediência à autoridade. (Despret, 2002, p. 99). O efeito disto seria uma espécie de clivagem na consciência, típica das situações de confiança & desconfiança conjuntas: a obediência ao cientista, mas com uma certa suspeita na tentativa de se entender o que se passa. No caso da pesquisa aqui apresentada, alguns dos estudantes entrevistados posteriormente compreenderam de modo claro que se tratava de uma pesquisa de psicologia (associada à medicina, psiquiatria, jornalismo ou moda), visando compreender algo sobre a “mente ou comportamento das pessoas”. Em geral, havia um posicionamento de que o questionário era interessante porque «deixava-os expressar suas opiniões». Em uma entrevista, um estudante afirmou que o próprio questionário funcionou como um teste vocacional, despertando-o para a “escolha para psicologia”. Uma articulação realmente inesperada.

A captação de uma subjetividade psicologizada nesta pesquisa nos conduz a um dilema: a) ou o método representa bem a realidade, mas esta seria a da inexistência de um sujeito ingênuo e indiferente (pelo contrário, bastante psicologizado); b) ou o método falha mesmo tentando preservar a ingenuidade dos pesquisados, influenciando-os. Aqui, o índice mais interessante para confirmar esta ingenuidade impossível é a quase ausência de contrastes relevantes entre os grupos Ingênuos e Experts em todas as sondagens. De onde se pode concluir que estes instrumentos psicológicos, por mais redobrados que sejam os cuidados que os cercam, jamais conseguirão captar a pureza de um sujeito despido de qualquer forma de influência, à moda de uma tábula rasa. Mesmo, e especialmente nos próprios meios das pesquisas mais canônicas (como os desta investigação), não há modo de se despir de alguma influência, tendo ela ocorrido previamente por dispositivos diversos espalhados pelas redes sociotécnicas ou posteriormente pelos modos de articulação produzidos pela pesquisa.

À guisa de conclusão, pode-se dizer que a finalidade deste trabalho, portanto, não foi buscar uma psicologia livre de influência, conforme os trabalhos de Rosenthal, nem de libertar a psicologia deste afã purificador em nome da verdade científica, o que seria também um processo de purificação. Mas justamente poder captar algo deste processo no recurso paradoxal de seus métodos e estratégias mais purificadas. E abrir, assim, a

possibilidade de outras formas de se produzir o saber psicológico, tornando este “o lugar de exploração e de criação disso que os humanos podem ser capazes quando se os trata com a confiança que se dispensa aos *experts*” (Despret, 2004, p. 102). São formas que talvez não sejam muito diversas do que tem sido feito, com a diferença de não terem qualquer pretensão purificadora. Estão costuradas, assim, na produção de um “pluriverso” de subjetivações.

Referências

- Despret, V. (1999). *Ces émotions que nous fabriquons. Etnopsychologie de l'authenticité*. Le Plessis-Robinson, Paris: Synthélabo.
- Despret, V. (2002). *Quand le loup dormira avec l'agneau*. Paris: Les empêcheurs de penser en rond.
- Despret, V. (2004). *Le cheval qui savait compter*. Paris: Les empêcheurs de penser en rond.
- Ferreira, A. A. L., Velásquez, B. B., Paula, E. O., Lima, F. N. M., Monteiro, L. A., Halbritter, P., Bueri, F., & Baptista, I. (2004). A psicologia como instrumento de produção de subjetividades. *Temas em Psicologia*, 12(2), 145-154. Recuperado em 01 fevereiro, 2011, de <http://www.sbsonline.org.br/revista2/vol12n2/v12n2a05.pdf>
- Ferreira, A. A. L., Monteiro, M. C., Leitão, A. N., Bazilio, E. G., Zidan, P. M., & Halbritter, P. (2005). A psicologia no mundo das subjetividades em produção. *Série Documenta (UFRJ)*, 16, 1-26. Recuperado em 01 fevereiro, 2011, de http://www.psicologia.ufrj.br/pos_eicos/pos_eicos/arqanexos/documenta/doc16_art5.pdf
- Ferreira, A. A. L., et al. (no prelo). La psychologie au-delà des épistémologies: un espace pluriel production de subjectivités. *Revue d'Anthropologie des Connaissances*. Presses des Mines, Paris.
- Latour, B. (2004). How to talk about the body. *Body & Society* 10(2-3), 205-229.
- Law, J. (2004). *After Method*. New York: Routledge.

Ferreira, A. A. L.; Pereira, C. S.; Hautequest, F.; Gomes, G.A.; Brandão, J. T.; Pereira, N. B. & Madeira, R. J.
P. A Psicologia como um Dispositivo de Produção de Subjetividades: Um Percuro pelos Métodos Quantitativos

Meyer, C. (2005). *Le Livre noir de la psychanalyse*,
Paris: Les Arènes.

Recebido: 10/08/2011

Revisado: 12/09/2011

Aceito: 20/09/2011